

Suplemento Cultural

MÚCIO Scévola Lopes TEIXEIRA (O poeta esquecido e a “conspiração do silêncio”)

**RUBENIO MARCELO – POETA
ESCRITOR E SECRETÁRIO-
GERAL DA ASL**

Vindo ao mundo em 13/09/1857, Múcio Scévola Lopes Teixeira ficou órfão de pai aos três anos de idade, tendo ido (logo em seguida, com sua mãe e uma irmã) residir na Corte Imperial (Rio de Janeiro), onde possuía parentes. Entanto, logo regressaram os três para Porto Alegre, cidade natal de Múcio.

“Deus me fez poeta e tanto isto é verdade que nasci em setembro, mês em que nascem as flores da primavera, que são a poesia da natureza” – assim afirmava Múcio Teixeira, aos 13 anos, quando começou a frequentar, na capital gaúcha, o Parthenon Literário, renomada entidade cultural do RS do século XIX. Aos 15 anos, publicou o seu 1º livro: “Vozes Trêmulas” (poesia), muito elogiado por intelectuais, que passaram a tratar o vate juvenil como “verdadeira revelação”.

Filho de militar, Múcio tentou também seguir este ofício, porém, a essência poética lhe tocou mais forte e, assim, numa solenidade cívica, ele – quebrando o protocolo – declamou um poema autoral dedicado aos Inconfidentes (fato que lhe custou alguns dias de cela). Desgostoso, o jovem cadete abandonou de vez a sua curta carreira das armas.

Após isto, o poeta editou novos livros, como: “Cartas Serranas” e “As Flores do Pampa”. E, aos vinte anos, já aclamado (pelo seu talento) e cantando versos assim: “Os vinte anos vêm soltar as asas / das águias grandes dos almejos meus...”, Múcio seguiu para o Rio de Janeiro, onde passou a interagir com personalidades como Silvio Romero, Aluizio Azevedo e Taunay. Neste tempo, lançou as obras “Sombras e Clarões” e “Fausto e Margarida”.

No ano de 1880, publicou “Cérebro e Coração” (que contém o famoso poema “Amar”, dedicado à noiva Maria Henriqueta Peixoto, com quem se casou em 27/05/1880) e “Novos Ideais” (poesias). Em 1882, dentre outros livros, lançou “Prisma e Vibrações”

“

Filho de militar, Múcio tentou também seguir este ofício, porém, a essência poética lhe tocou mais forte e, assim, numa solenidade cívica, ele – quebrando o protocolo – declamou um poema autoral dedicado aos Inconfidentes”

(elogiado, inclusive, em Portugal). Nesta época, Múcio Teixeira já era considerado “o maior poeta de sua geração”. E, aqui, pode ter começado a “conspiração do silêncio” (movimento de ‘bastidores’ de adversários, que em breve geraria resultado, ofuscando em Múcio o seu sucesso).

Em 1884, os escolhidos para enviar obras (dos consagrados poetas) para serem comentadas e divulgadas no Diário Mercantil de SP (um dos principais espaços literários) omitiram, inexplicavelmente, o nome de Múcio Teixeira. Eram forças ocultas abafando o prestígio do grande vate, que – após sua morte – seria assim definido pelo poeta Generino dos Santos: “operosíssimo polígrafo, por si só, valia todo o parnaso brasileiro, que, em vida, lhe moveu guerra de silêncio”.

Amigo de Dom Pedro II e com dificuldades financeiras, em 1885, Múcio foi residir como “hóspede do Imperador”. Na época, publicou “Hugonianas” (poemas traduzidos de Victor Hugo). Permaneceu na Corte até 1888, quando lançou “Poesias e Poemas”, obra recebida friamente pela silente crítica. Neste ano, nomeado Cônsul, o poeta foi para a Venezuela, onde lançou livros em castelhano.



(FOTO: ARQUIVO DA FAMÍLIA)
Poeta e patrono da cadeira 35 da ASL, atualmente ocupada pelo acadêmico Rubenio Marcelo.

Após a Proclamação da República, retornou ao Brasil e publicou novos livros no RJ e no RS.

Já em 1896, seguiu para a Bahia, onde ficou amigo da família de Castro Alves e escreveu “Vida e Obras de Castro Alves”. Em 1899, voltou ao Rio (com esposa e seis filhos – entre eles, Múcio Teixeira Júnior que, em 1913, veio morar em Campo Grande, onde foi proprietário do Ateneu Rui Barbosa).

Em 1901, criticou severamente, na imprensa, a obra “Poesias Completas de Machado de Assis”. Consta que, depois disto, Múcio novamente assistiria ao silêncio conspirando contra si, vez que – ao ser organizada uma relação de poetas e escritores brasileiros – nenhuma referência foi feita ao seu nome.

Nos últimos anos da vida, Múcio enveredou pelos misteres da astrologia e quiromancia, e adotou o pseudônimo “Barão Ergonte”. Assim, publicou livros como: “Almanaque do Barão” (1912, profecias), “Terra Incógnita” (1916, teosofia), “Tratado de Ciências Ocultas” (1921), “Os Gaúchos” (1921), “Alta Magia” (1924). Faleceu em 08/08/1926, de pneumonia, em sua casa no RJ, deixando cerca de oitenta obras publicadas.

Emotivo, de personalidade forte e irrequieto, às vezes irascível (como ele próprio se definiu numa entrevista: “não sabia reprimir os seus ímpetos de cólera”), Múcio Teixeira, além de exímio poeta e eclético escritor, foi também orador brilhante. Autodidata, dominava vários idiomas. Nasceu gênio – e precocemente foi ícone das letras da sua geração – não merecia (nem merece) o esquecimento.

A face imóvel

PE. AFONSO DE CASTRO

Em 1942, vem a público o segundo livro de Manoel de Barros, com características próprias e diferentes do anterior. Neste, cada poesia tem seu título e não há agrupamentos de vários poemas em subtítulos, como no anterior.

A estética de “A Face Imóvel” fixa-se num tipo de composição mais homogênea e independente. Os dezesseis poemas compõem um livro bastante homogêneo. O verso é mais comedido e sóbrio. A linguagem é funcional e simples. Aceita Manoel o significado comum das palavras e dessa forma é que as estiliza. Parece que há um comedimento em relação à efervescência do primeiro livro. São poemas simples dentro de versos mais trabalhados. Embora não trate o poema como no livro anterior, Manoel de Barros não aderiu a qualquer escola ou alinhamento estético. Continua a construção de seu caminho. Em relação ao livro anterior, o que sobressai, de modo geral, é o caráter de sociedade.

A presença da Segunda Guerra Mundial influenciou bastante quanto à temática. Neste livro, alguns poemas retratam-lhe o horror. Outra novidade é a tentativa de retratar a profundidade do instante contemplado, do hic et nunc. Tal inteno se manifesta em poemas que retratam o momento visto, a paisagem exterior, o momento vivido e oferecido pela sensibilidade, aprofundada pela emoção interrogativa, quedando-se ante o vasto e vizinho mistério da vida. Outros poemas refletem o exterior em descrições de paisagens do Rio ou de sua terra natal, ou espelham a busca serena das paisagens interiores sugeridas pelos momentos de contemplação. Não podiam, dentro dessa perspectiva, ficar alheios os temas do amor e das lembranças afetivas, ou mesmo até da solidão.

Na maior parte dos poemas, usou um esquema simples e eficiente: descreve o cenário, emoldura-o e, no final, coloca o personagem central no meio do quadro emoldurado. Como exemplos, sobressaem “Dorowa” e “Rua dos Arcos”, emoldurações de duas personagens femininas. Repete o esquema em outros poemas para realçar uma afirmação ou um pensamento-conclusão. Em “Noturno do Filho de Fazendeiros” termina realçando fortemente: “Que era coisa necessária nunca odiar!” Em “Mansidão”, afirma: “Porque tudo

permaneceu sem fundo suspiro/No estranho momento das coisas paradas.” Em “Poema do Menino Inglês de 1940”: “Agora sinto que estou me despedindo de alguma coisa / De alguma coisa que está morrendo dentro de mim/mesmo”.

Nos poemas de “A Face Imóvel”, nas descrições das paisagens, ainda aparecem lembranças do passado, de modo especial do tempo e que viveu e estudou no Rio. Neste livro, deixa de lado a cidade de Corumbá, para se fixar nas recordações do Rio. A característica principal deste livro, quanto à estilística, é menor uso da metáfora e, quanto à forma, nota-se uma harmonia sóbria composicional. Em “Poema do Menino Inglês de 1940”, aparecem todas as características acima assinaladas quanto à composição estética e temática. Exemplificando a temática mais contemplativo-existencial e o mistério do ato de viver a vida, indica-se o poema “Mansidão”.

POEMA DO MENINO
INGLÊS DE 1940

(Manoel de Barros)

*A rua onde eu morava foi
bombardeada.
Nunca nós havíamos de pensar que
uma coisa dessas pudesse acontecer
realmente.*

*Não ficou de pé uma só de nossas
casas com seus telhados vermelhos
perdidos entre as folhagens.*

*Ontem de tarde eu vi o pai de Katy
voltando do trabalho e nunca mais
o vi
Porque por onde ele passou agora
as ruínas fumam silenciosamente...*

*Ah! Nós brincávamos nas linhas
dos lagos azuis.
Katy dançava de cabelos soltos no
jardim
E eu compunha músicas singelas
para seu corpo.
Sobre meus ombros ela chorava.*

*Agora parece que estou me
despedindo de alguém
De alguma coisa que vai morrendo
dentro de mim mesmo.*

*Agora sinto que estou me
despedindo de alguma coisa
De alguma coisa que está morrendo
dentro de mim mesmo.*

O BATIZADOR

HÉLIO SEREJO

Quando abriram o sertão, ele ali apareceu, montado num burrico.

De crucifixo ao peito, breviário na mão, ter-no olhar de Jesus abençoando a todos, perambulando, sozinho, pelos caminhos desertos, ele ia ensinando aquela gente rude, através de sábias lições bíblicas, o amor e querer a Deus e, portanto, o caminho certo da vida...

Para que o moribundo recebesse a extrema-unção, trotava a noite toda no burrico resignado, enfrentando a tormenta e as moitas de espinhos que se debruçavam na estrada, açoiadas pelo vento que desencadeara ao entardecer...

Era o santo, o “batizador”. Cumpria, rigorosamente, os ensinamentos sagrados do Cristo. Só ele queria ter o direito de tirar o pouco que era seu para socorrer os pobres necessitados. E ajudava, também, com carinho divinal, a banhar o enfermo e a lhe administrar o chá de raízes que seria, para todos, a última esperança. E se a família não dispusesse de recurso de um civil, para adquirir a droga na botica? Ele juntaria os seus de-réis e a compraria, pois tentaria salvar uma preciosa ovelha do grande rebanho do Senhor... Somente para se vestir e comprar alguns livros é que necessitava do vil metal. Comer? Comería em todos os ranchos e nas estâncias dos ricos. Em caso extremo, saborearia a fruta da goiabeira silvestre ou asaria uma mandioca carapé, nas cinzas de um

fogão qualquer... Dormir? Dormiria sobre o couro de secar arroz ou armaria a rede no rancho abandonado da estrada, ou sob a árvore que dava sombra ao viajor cansado. Ele, por assim dizer, era nada. Passaria por tudo e sofreria, com prazer, pela ventura e salvação dos semelhantes. Viera ao mundo com essa predestinação! E se Deus assim o fizera, no cumprimento da sua enobrecedora missão, não recuaria um só passo. Morreria em seu posto de honra, se preciso fosse.

As ovelhas tresmalhadas e os enfermos eram o seu grande tormento. E pelas crianças tinha desvelo de mãe.

E quantas vezes o padre “batizador” não preparou a boia do rancho para os menores impaludados, porque a malária derrubara a todos?

Pobre do batizador! Não teve o seu merecido túmulo de herói anônimo!

Foi caminhando... Caminhando, sempre rumo ao desconhecido, no fiel cumprimento da sua sublime e sagrada missão.

Um dia, tombou em meio da jornada!
- Como? Por quê? Onde?

Ninguém nunca ficou sabendo.
Mas outros balizadores vieram:
E a jornada prosseguiu...

Somente o seu vulto negro e respeitável ficou desenhado, no imenso horizonte da Pátria! Como ficarão muitos outros, que hão de tombar ainda, na continuação da grande e gloriosa cruzada de Cristo...

POESIAS

TERESA DE CALCUTÁ PARA O INFINITO

*Ela fez a viagem mais cara
Perdeu os seus contemporâneos
Ganhou mais aconchego em Deus*

*Ela fez a opção mais pobre
Ganhou mais que os seus
Companheiros de jornada
Perdeu mais orgulho*

*Perder é ganhar
Na lógica sublime
E também na ordem do mal
Perde a vida quem ganha a morte
Ganha a vida quem se permite morrer*

*Seus pés sangram
Suas mãos abençoam
Seus olhos secam de tanto chorar
Aflitos pelas lágrimas instancáveis
De tantos irmãos*

*Que de maravilhas fluem
Do seu caudal interno!*

*Seu sangue na Terra foi linimento
Para muita gente sagrada alimento*

*Rica Teresa pobre
Suas chagas recebem unguento de luz
Seu vestido agora é espiritualidade
Substância irradiação
Adornando astros do infinito*

GUIMARÃES ROCHA

BURACO DAS ARARAS

*Linda colina coberta de céu.
Profundidade de ecos sonoros,
Que afundam silêncio noturno.
Mistério de fósseis calcários,
Cratera escancarada ao tempo,
Espelha o lago verde, lodento,
Morada de jacaré papa amarela.*

*A mata reveste os paredões
Onde possa se apoiar.
E as araras fiéis guardiãs,
Grasnam, revezam a ronda,
Que na trilha batida,
Turistas curiosos lhes assombam.*

*Todo cerrado é fascínio
Em suas revoadas coloridas
De azul e vermelho.
E o alimento frutífero,
Árvores e coqueiros,
São aéreas bandejas.
Desse Jardim costumeiro.*

*Buraco das araras!...
Mistério que dorme profundo,
Onde ninguém possa ousar.
As araras não contam a lenda
Mas invejam os passantes
Que visitam o seu lar!*

ELIZABETH FONSECA